



EPIFANIA DAS LINGUAGENS: UMA ABORDAGEM PARA A LEITURA DE CLARICE LISPECTOR NO ENSINO MÉDIO

Valéria Hernandorena Monteagudo de Campos ¹

Levi Corrêa Lopes ²

Vanessa da Silva Oliveira ³

RESUMO

Nesta comunicação, propõe-se um plano de aula de ensino de literatura no Ensino Médio com base no conceito de Epifania, em uma abordagem abrangente de diferentes linguagens artísticas. A proposta parte das dificuldades encontradas no ensino de literatura na educação básica com vistas a uma aprendizagem significativa (Ausubel). Como proposição, será usado o método recepcional (Bordini; Aguiar), com a sequência das fases de identificação, atendimento, ruptura, questionamento e ampliação dos horizontes de aprendizagem. No plano, haverá enfoque em diferentes expressões artísticas na etapa de sondagem/identificação, e em seguida, a leitura e análise de crônica selecionada de Clarice Lispector. Pretende-se utilizar as definições de epifania conforme Moisés e Joyce, assim como proceder à identificação da presença do conceito em textos bíblicos e no cotidiano, a fim de propor uma contextualização ao longo dos tempos, dos seus significados nas artes e na vida dos leitores. Dessa forma, o plano de aula terá como propósito investigar as possíveis interfaces entre a epifania clariceana, suas fundamentações na fortuna crítica e o modo de contemplar e vivenciar as linguagens expressivas e significativas da literatura e da arte. Por fim, tal apresentação tem como objetivo reiterar a importância da leitura literária na escola, segundo Lajolo e Coelho, identificando-se como os professores podem aplicar o método recepcional no trabalho de apreensão artística e literária na escola.

Palavras-chave: Plano de aula; Epifania; Método recepcional; Crônicas; Literatura.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma Iniciação Científica produzida na Faculdade Sesi de Educação, no âmbito do Grupo de Estudos Interfaces entre Linguagens. A pesquisa aborda a epifania em determinadas obras de Clarice Lispector, sobretudo crônicas.

Vários autores já conceituaram a palavra epifania, porém para os propósitos deste texto, será usado o conceito de James Joyce, o autor que primeiramente se apropriou do termo e secularizou-o, dando-lhe uma conotação essencialmente literária, a qual se institucionalizou no

¹ Professora do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, mestre em Literatura (USP), valeriahae@email.com;

² Professor do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, mestrando em Linguística Aplicada (PUC-SP), levicorreator@gmail.com;

³ Graduada em Letras (português e alemão – USP) e graduanda do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, prettyvandance@gmail.com.



vocabulário crítico. Joyce apresenta o conceito de epifania como uma súbita manifestação espiritual, esteja esta presente na banalidade da fala ou do gesto, ou ainda em um estado da mente.

Para levar esse conceito à sala de aula, usamos como base o Método Recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1993), pois é um método validado na prática. Devido ao caráter responsivo do método, o qual demanda a interação com os estudantes, serão abordadas situações hipotéticas. Sendo assim, o professor deve estar preparado para reorganizar o planejamento de acordo com as turmas e seu envolvimento na proposta.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Massaud Moisés (2004, p. 156), a “epifania” é um termo originalmente litúrgico, o qual se refere à festividade do “dia de Reis”, no qual se comemora a revelação de Jesus Cristo aos gentios, que, na Bíblia, acontece aos Reis Magos. De acordo com Cardoso (2009, n.p.), antes do Cristianismo, no entanto, o termo de origem grega, “epiphaneia”, já designava as aparições dos deuses. Os dois autores concordam que o escritor irlandês James Joyce foi responsável por transpor a expressão ao universo literário, com o sentido de “iluminação”, “revelação”. Primeiramente, o autor emprega a “epifania” e define-a nas páginas restantes de *Stephen Hero*:

Por epifania entendia uma súbita manifestação espiritual, tanto na vulgaridade da fala ou do gesto, quanto numa frase memorável da própria mente. Acreditava ser função do homem de letras registrar essas epifanias com extremo cuidado, visto serem elas os momentos mais delicados e evanescente” (Joyce apud Moisés, 2004, p. 156).

Joyce então retoma esse processo em *Retrato do artista quando jovem*, de 1916, e desenvolve-o mais plenamente. Há o acréscimo de noções filosóficas que remontam a São Tomás de Aquino, como a definição dos três requisitos da beleza, os quais seriam a integridade, a harmonia e a iluminação. Esta última corresponde à *claritas*, a qual surge em decorrência de um processo a partir da “*quidditas* [essência do ser]. Após a análise que descobre a segunda qualidade [*consonantia*], a mente faz a única síntese logicamente possível e descobre a terceira qualidade. Este é o momento que eu chamo de epifania.” (Joyce apud Moisés, 2004, p. 157).

A epifania, chamada de um “momento mágico” por Joyce, é utilizada em muitos de seus contos e mesmo em *Ulysses*. A partir de então, outros ficcionistas contemporâneos do autor recorreram a esse “momento de intensa visão que descortina uma significação muito além do



mundo cotidiano da experiência comum” (Harvey apud Moisés, 2004, p. 157). Dessa forma, Joyce sistematizou uma experiência estética a qual já era vivenciada por outros autores e tem semelhanças com estudos de Bergson e Freud, por exemplo (Moisés, 2004, p. 157).

Cardoso apresenta uma diferenciação importante entre São Tomás de Aquino e Joyce ao ressaltar que, enquanto este encara o objeto como “apresentando na sua forma uma relação com a beleza transcendente, Joyce rejeita esta divisão e funde essência e percepção” (Cardoso, 2009, n.p.). Ademais, para Joyce, o objeto da epifania é essencialmente trivial e o que configura o momento como excepcional é a mente: um item cotidiano é resgatado da sua “banalidade, através da focagem operada pelo nosso ‘olho espiritual’” (Cardoso, 2009, n.p.). Há, portanto, uma “elevação” dos objetos comuns.

Ao comentar a obra de Virginia Woolf, muitas vezes comparada à de Clarice, Cardoso enfatiza que a pausa da epifania funciona quase como chave de leitura: “iluminações, fósforos que se acendem inesperadamente no escuro” (Woolf apud Cardoso, 2009, n.p.). Dessa forma, o momento efêmero é registrado, tem seu significado prolongado, permeia o restante do texto e fornece novos significados à leitura.

Na obra de Clarice, a palavra epifania não está explícita, porém, para muitos estudiosos, como Moisés (1970, p. 1), esse instante existencial é definitivo para o estilo da escritora e ocorre quando há uma “uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz como a iluminação instantânea”, “momento de lucidez plena, em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si próprio”. O que difere este trabalho da maior parte da fortuna crítica dedicada à autora, no entanto, é que os contos recebem maior atenção e são vistos como textos mais complexos, enquanto as crônicas apenas servem como passagem ou preparação a essas narrativas tomadas como de maior importância, como visto nas pesquisas de Abuchaim e Siqueira (2019) e Araújo (2011).

De fato, a crônica parece ter menos status na academia devido a seu caráter fugaz atrelado ao suporte do jornal. No entanto, é importante lembrar que grandes obras da literatura brasileira ganharam forma inicial por meio de folhetins impressos nesse meio de comunicação. Ainda, ao pensar-se a ligação do cotidiano, do real e da arte, como mencionado por Bastos, há potencialidades inúmeras no entrelaçamento entre o dia a dia e práticas ou pensamentos artísticos: “Valorizar as ligações intrínsecas entre a arte e a vida cotidiana constitui a base de uma arte/educação democrática, porque envolve reconhecimento de várias práticas artísticas sem distinguir entre o erudito e o popular” (Bastos, 2005, p. 229).

Nesse sentido, para Nelly Novaes Coelho, literatura é arte: “fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática,



o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...” (Coelho, 2000, p. 27). Daí vem a importância de a literatura ser ensinada na escola enquanto ligação com a vida e com o sujeito. Marisa Lajolo atesta que o desencontro entre os jovens e a literatura precisa ser superado, mas isso só pode ocorrer quando as aulas tornam-se “espaço de liberdade e subversão que, em certas condições, instaura-se pelo e no texto literário” (2008, p. 13).

Dessa maneira, entende-se que a literatura não deveria ser abordada na escola de fora para dentro, isto é, de contextos desligados da realidade dos estudantes temporal e espacialmente para um pouso forçado sobre suas cabeças. É preciso buscar a realidade dos jovens para que se encontrem os pontos de contato entre estes e a leitura. Nesse sentido, de acordo com Ausubel, a aprendizagem significativa ocorre quando novas ideias relacionam-se aos conhecimentos prévios dos alunos, o que gera uma situação relevante. É o próprio autor quem diz: “Se eu tivesse que reduzir toda psicologia educacional a um único princípio, diria isto: O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos” (Ausubel, Novak & Hanesian, 1980).

Desse modo, a crônica pode ter um papel importante no ensino de literatura na escola, pois, uma vez que essa narrativa curta implica uma reflexão crítica, humorística ou reflexiva a partir de um acontecimento cotidiano, é possível relacionar as vivências dos jovens leitores a momentos de inspiração e epifania, de modo a mostrar a eles que a arte surge também da vivência espontânea de cada um e não está restrita a métodos e fazeres distantes ou puramente elitistas.

Com isso em mente, é relevante também recorrer às palavras de Lajolo acerca da importância de não submeter o leitor em formação, isto é, o estudante, “a um ‘espontaneísmo’ pedagógico, que, via de regra, culmina na aceitação de toda e qualquer leitura, tornando dispensável o seu ensino.” (2008, p. 61). Dessa forma, é importante partir do conhecimento e da vivência prévia do estudante, porém buscar uma experiência mediada de ensino de literatura embasada em metodologia estudada. Para isso, neste trabalho, optou-se pelo uso do método recepcional, de Bordini e Aguiar (1993), composto por cinco passos:

1. Determinação do horizonte de expectativas, ou diagnóstico da realidade sociocultural, dos interesses e níveis de leitura dos alunos;
2. Atendimento ao horizonte de expectativas, momento em que o professor leva textos que suprem o que foi diagnosticado;
3. Ruptura do horizonte de expectativas, ou seja, fase em que o professor pode aprofundar temas ou leituras, ampliando os conhecimentos dos estudantes;



4. Questionamento do horizonte de expectativas, em que há a comparação entre as etapas 2 e 3;

5. Ampliação do horizonte de expectativas, momento final de um ciclo, que já aponta para a sua continuidade, pois há a consciência das possibilidades de novas experiências de leitura.

O método foi escolhido justamente por aliar os pressupostos de Ausubel, Coelho e Lajolo para um processo de ensino-aprendizagem no qual seja possível planejar uma sequência didática que parta da vivência do estudante e expanda o seu conhecimento por meio da literatura e da arte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no que foi apresentado até então, de forma prática, o plano projetado para o trabalho com a epifania sugere o uso da crônica “Medo da Eternidade” de Clarice Lispector, por meio do Método Recepcional (Bordini e Aguiar, 1993). A seguir, pormenorizam-se os cinco passos planejados tendo como base quatro aulas no terceiro ano do Ensino Médio.

No passo 1, determinação do horizonte de expectativas, começa-se com uma roda de conversa com uma situação hipotética para exemplificar a epifania e o trecho de um vídeo que explica como ela acontece no dia-a-dia, por exemplo, durante o banho. O vídeo⁴ em questão apresenta o conceito por meio de ilustrações e linguagem cotidiana. Nessa conversa informal, pode-se perguntar para a turma se algum deles já passou por alguma experiência parecida, em que em um determinado momento do cotidiano, uma situação que parecesse ser simples os pegasse distraídos e de repente eles sentissem algo diferente, e alguma coisa que não entendessem antes passasse a ser entendida sem saber como, por meio de uma iluminação que viesse à mente deles. Deve-se dar tempo para que os estudantes se envolvam com o assunto e é interessante que o professor também esteja pronto a compartilhar experiências pessoais que deem o gatilho para as discussões, caso seja difícil para os alunos lembrarem-se de algo do tipo.

No passo 2, atendimento ao horizonte de expectativas, supõe-se que a sala já tenha entendido que essa situação é possível no cotidiano e não somente quando estamos debruçados nos livros estudando, pois às vezes não estamos esperando e determinado pensamento ocorre.

Propõe-se então um exercício com um artista que ainda está vivo e não é muito divulgado no Brasil, o russo Vladimir Kush. Ele é um pintor que se identifica com o "realismo metafórico"

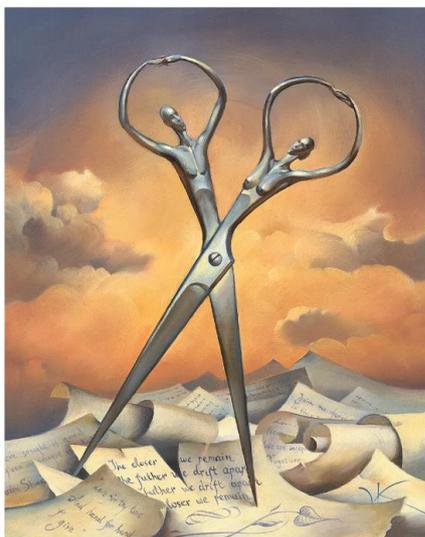
⁴ Referência do vídeo: Epifania Experiência. **Por que Uma Gota?**. Youtube, 11 set. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LawnGCLedrE&t=284s>>. Acesso em 22 out. 2023.



com desenhos e pinturas que formam imagens "impossíveis", utilizando-se de truques de imagens e elementos que formam outros.

Nessa prática, os alunos olham algumas das obras escolhidas e procuram entender, nas partes encontradas nelas, como o artista partiu de algo corriqueiro ou trivial para criar algo plurissignificativo. Da mesma forma, eles associam essas imagens ao cotidiano deles, desencadeando ainda outras questões. O professor precisa formular questões que suscitem tais ligações, por exemplo: “Ao mexer nos materiais de vocês agora, entre os objetos encontrados, algum desperta algo diferente em vocês?”.

Nessa parte, para um trabalho mais profundo e de identificação com os estudantes é possível, inicialmente, mostrar e analisar uma pintura com a sala e deixar outra imagem para que eles trabalhem em grupo ou em duplas, de maneira mais autônoma. Os dois quadros abaixo foram selecionados por tomarem como motivo um mesmo objeto considerado trivial, uma tesoura, e portarem significados diversos. O professor pode então comentar o primeiro quadro com a sala e então pedir que em pequenos grupos os alunos discutam entre si as semelhanças e diferenças entre as duas obras, assim como o que cada uma delas suscita individualmente em uma apreensão mais pessoal.



KUSH, Vladimir. **Always Together**. Óleo sobre tela. 30 x 25 cm.



KUSH, Vladimir. **Acrobat**. Óleo sobre tela. 35 x 25 cm.

Para uma experiência rica de troca entre as linguagens, seria possível também, após os estudantes pensarem em suas acepções para essas telas, ler as descrições que o artista disponibiliza em inglês em seu site⁵.

No passo 3, ruptura do horizonte de expectativas, lê-se para a sala a crônica “Medo da Eternidade” de Clarice Lispector. Nesse texto, uma narradora que surge plasmada na voz de Clarice conta sobre a primeira vez que mastigou um chiclete, em Recife, quando ainda era uma criança, no começo do século XX. O doce lhe fora apresentado pela irmã como muito superior a uma bala comum, uma vez que poderia durar eternamente, pois não se acabava, permanecia a ser mascada e até mesmo poderia ser guardada para voltar à boca posteriormente. Para ela, não foi apenas um novo doce que ela experimentou, mas sim o primeiro contato com a possibilidade da eternidade:

Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. (Lispector, 1999, p. 290)

Para analisar como ocorre a epifania na crônica, isto, é um acontecimento banal que traz grandes reflexões, são necessárias algumas perguntas, por exemplo, acerca das características da narradora, quem são as personagens, qual o conflito principal e uma questão sobre em que momento ocorre a epifania na crônica. Como mencionado anteriormente, a epifania na obra de

⁵ Kush Fine Art. Disponível em: <<http://www.kushfineart.com>>. Acesso em 22 out. 2023.



Clarice não é explícita. Pode ser difícil perceber o momento exato em que ela aparece, porém, é proposital que os estudantes reflitam sobre as questões primeiramente entre eles para só então o professor entrar nesse diálogo.

Muitos podem achar que Clarice Lispector é uma escritora difícil de ler, no entanto, talvez esses leitores estejam lendo sua obra com a chave errada, pois tal obra consiste em uma leitura de sentimento, em que a pessoa vai sentir o que está acontecendo e não tentar entender de maneira lógica.

Para isso, pode-se dar o exemplo tirado da última entrevista⁶ em que a autora deu, em 1977, em que ela conta que um professor leu seu livro *A paixão segundo GH* quatro vezes e não sabia do que se tratava e no dia seguinte uma jovem universitária de 17 anos disse ser este seu livro de cabeceira. Dessa maneira, percebe-se como sua obra pode ou não tocar o leitor, dependendo de diversos fatores para além do conhecimento acadêmico ou literário.

Com a reflexão posta sobre a crônica, no passo 4, deve haver o questionamento do horizonte de expectativas, ou seja, a comparação entre o que eles viram nas etapas 2 e 3: as pinturas e a crônica. Pode-se perguntar a eles sobre suas preferências e identificação, se eles já haviam pensado em como um objeto prático e trivial como uma tesoura, ou um doce dos mais baratos, como o chiclete, pode resultar em uma obra artística repleta de significados. Outra pergunta para reflexão pode ser: para um artista, qual a forma mais difícil de manifestar uma epifania, através de uma pintura ou de uma crônica? Assim, por meio dessas indagações, aos poucos, o professor começa a preparação para o momento de ampliação do horizonte.

Também é possível questionar de quais recursos a escritora e o pintor lançam mão para causar essa revelação. Na obra de Kush, é preciso atenção para apreender tudo o que a pintura evidencia, como a relação forte com as cores, em uma iluminação que retira um objeto do cotidiano para dar-lhe outras vidas. O artista utiliza elementos variados de forma inusitada criando um novo significado para a relação dos objetos. Já na obra de Clarice, assim como percebido por Joyce, sente-se que o mundo interior rico em percepção opera para que nada seja simplesmente banal, tudo o que rodeia o observador é motivo de reflexão. Da mesma forma, o olhar dos estudantes pode ser enriquecido a partir de sua própria maneira de ver o mundo. Assim, de acordo com o horizonte de expectativas, cada um terá uma questão sociocultural diferente para interpretar, mostrando o quanto é importante a recepção e como os alunos veem esses objetos de estudo.

⁶ A entrevista citada pode ser encontrada no Canal do Youtube da TV Cultura. TV Cultura. **Panorama com Clarice Lispector**. Youtube, 07 set. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>>. Acesso em 22 out. 2023.



Ao chegar-se ao passo 5, da ampliação do horizonte de expectativas, há um momento final do ciclo, que já aponta para a sua continuidade, pois há a consciência das possibilidades de novas experiências de leitura.

O momento de expansão pode ser combinado com a turma de acordo com o que for sentido pelo professor durante as interações. Por exemplo, se eles gostaram de Clarice, é possível selecionar um texto maior de sua autoria, a fim de buscar um aprofundamento em seu estilo pessoal. A partir disso, uma ideia pertinente pode ser realizar um projeto de encenação de textos da autora.

A ampliação pode ser também algo voltado à produção criativa e artística, como solicitar que os estudantes escrevam uma crônica em que ocorra uma epifania a partir de algo cotidiano. Em duplas, eles podem escrever o texto e então criar uma ilustração, pensando na plurissignificação proposta por Kush.

Assim, reiteramos que este é um planejamento de sequência didática que segue os passos do método recepcional, no entanto, é aberto às necessidades da turma. Tendo isso em vista, pode-se usar o tempo de uma aula para realizar os passos 1 e 2, uma outra aula para o passo 3 e a aula final para o passo 4 e o início da ampliação do horizonte, com a possibilidade de extensão para um projeto, caso seja da vontade dos estudantes, ou de um desenvolvimento extraclasse, visto que atividades de criação artística e literária tendem a necessitar de mais tempo para sua execução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado por Bastos (2005), a realidade é um importante ponto de encontro entre o estudante e a arte. Assim, a fim de propor uma atividade que propicie uma aprendizagem significativa (Ausubel, 1980) no campo das linguagens, no que tange à leitura e à apreensão artística, seguimos a orientação de Coelho e Lajolo, pois, apesar de o olhar para a arte surgir do cotidiano e do real, o processo de ensino-aprendizagem não pode basear-se em um “espontaneísmo pedagógico”. Mesmo que entendamos a necessidade de adaptação às necessidades dos estudantes, é importante atenção ao estudo das maneiras possíveis de propiciar momentos de ensino-aprendizagem eficazes.

Ficou evidente que, neste trabalho, propusemos o uso do Método Recepcional, de Bordini e Aguiar, a fim de, primeiramente, explorar duas pinturas de Vladimir Kusch que retiram objetos cotidianos de seu espaço trivial, para, em seguida, tematizar a obra da escritora Clarice Lispector quanto à epifania, a fim de proporcionar experiências significativas aos



estudantes. Utilizamos o conceito de epifania segundo James Joyce, com o objetivo de ligar a realidade à apreensão artística, de modo a fazer com que os estudantes compreendam que a arte e a literatura estão presentes no cotidiano e nascem dele. Nesse sentido, é preciso apurar o olhar tanto para ler as imagens e as letras nas obras, quanto o nosso entorno, de onde brota a necessidade de um olhar subjetivo, crítico e reflexivo.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, Cláudia Borragini; SIQUEIRA, João Hilton Sayeg de. Epifania: A Lucidez Perversa de Clarice Lispector. **Momentum**, Atibaia, v. 1, n. 17, p. 1-14, 2019.

ARAÚJO, Marta Milene Gomes de. **Clarice Lispector e seu papel como cronista: da futilidade das páginas femininas à epifania do texto literário**. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

AUSUBEL, D.P.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Trad. Eva Nick et al. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BASTOS, F. O perturbamento do familiar: uma proposta teórica para a Arte/Educação baseada na comunidade. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera T. de. **Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

EPIFANIA. In: **E-Dicionário de Termos Literários**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009. Disponível em: < <https://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/epifania>>. Acesso em 22 out. 2023.

KUSH, Vladimir. **Kush Fine Art**. Disponível em: <<http://kushfineart.com>>. Acesso em 22 out. 2023.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2008.

LISPECTOR, Clarice. Medo da eternidade. LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 289-291, 1999.

MOISÉS, Massaud. Clarice Lispector: ficção e cosmovisão. **O Estado de São Paulo**. Suplemento Literário. 26 set. 1970, p. 1.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.